

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ANÁLISE DE PERFIL DOS PROFESSORES DE BIOLOGIA E A RELAÇÃO COM A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA EM SALA DE AULA EM CINCO ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA- PB**

Yúren Costa Silva (1);

*Universidade Federal da Paraíba*

yuren.costa@gmail.com

Windemberg Costa Silva (2)

*Universidade Federal da Paraíba*

wcosta.dg@gmail.com

**Resumo do artigo:** A formação dos professores é um tema que suscita diversas discussões a cerca das diversas mudanças e desafios enfrentados por estes profissionais, no exercício de suas profissões. Dentre os muitos desafios, encontra-se a educação inclusiva que há tempos demanda soluções efetivas e criativas, a fim de inserir os alunos com necessidades especiais no âmbito da educação. Porém, devido à falta de preparo, em consequência de uma formação acadêmica insuficiente, ou mesmo a falta de interesse, faz com que estes profissionais não saibam trabalhar seus conteúdos didáticos direcionados a estes alunos. Adicionalmente, espera-se que as instituições de ensino ofereçam amparo aos professores e alunos com deficiência, sobretudo em relação ao planejamento, voltado a ação pedagógica do professor. O presente trabalho teve por objetivo analisar o perfil dos professores de biologia e a relação com a inclusão dos alunos com deficiência na escola regular, analisando pontos como a formação acadêmica, relação com salas de recursos multifuncionais, etc. O trabalho constitui-se numa pesquisa de natureza quantitativa mediante geração de dados através de informações sócio-demográficos dos entrevistados. Espera-se que este trabalho possa causar uma reflexão em prol relação entre o professor e o aluno com deficiência, havendo assim um olhar mais voltado à inclusão escolar. Onde se busque novas formas de quebrar a barreira que se encontra entre o professor e o aluno com deficiência. Concluiu-se neste trabalho que mesmo possuindo a graduação em licenciatura em Biologia, os professores aparentam ainda não se sentir preparados para exercer sua prática pedagógica voltada aos alunos com deficiência.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Formação, Biologia.

### **INTRODUÇÃO**

Após os reconhecidos passos para implementação da inclusão da pessoa com deficiência (PcD) no Brasil através das políticas públicas, é perceptível que houveram grandes avanços, alguns

deles no âmbito educacional. Porém, ainda há um longo caminho para o que podemos idealizar como ideal.

Com a mudança das políticas inclusivas e com a inserção dos alunos com deficiência em salas regulares, tornou-se ser necessário que todos os professores fossem preparados para atuar com a diversidade em sala de aula, o que impôs grande desafio para os cursos de formação inicial e continuada (GREGUOL et al, 2013).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio, o professor carrega uma importante função social frente à formação do aluno. O docente tem o papel de ensinar os alunos os conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. No perfil do ensino da biologia, os alunos devem ser preparados para dominar conhecimentos biológicos, para então compreender os debates contemporâneos que envolvam a vida e deles participar.

Um problema que pode ser destacado, é que a formação dos docentes e as condições de trabalho acabam por não acompanhar o ritmo das transformações<sup>1</sup> em curso, desta maneira, a crise educacional instala-se não só na qualidade da educação, mas também na saúde do professor (SOUZA, 2010). O baixo salário dos docentes faz com que estes profissionais atuem em grande parte dos casos em mais de uma escola, levando desta maneira a uma sobrecarga de jornada de trabalho. O professor se vê limitado por falta de tempo, cansaço físico e mental, deixando de fazer o aperfeiçoamento da sua prática pedagógica e com isso, empobrece cada vez mais os processos de ensino e aprendizagem.

A fim de tentar solucionar tal problema, algumas medidas foram tomadas pelas políticas de educação inclusiva. Em 2002, através da Lei Nº 10.436, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, passa a ser parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, dos cursos de licenciaturas. Outra medida foi o oferecimento de cursos de formação continuada para os docentes que já se encontravam em exercício de sua profissão. Com a criação da Educação a Distância - EaD pela secretaria de Educação a Distância (SEED) junto ao Ministério da Educação, instituída pelo Decreto nº 1917/96 (BRASIL, 1996), viabilizou posteriormente vários programas na área da educação, dentre eles o sistema “Universidade Aberta Brasileira” - UAB instituída pelo Decreto nº 5.800/2006 (BRASIL, 2006). Por meio da UAB, foram instituídos programas de formação

---

<sup>1</sup> Um grande exemplo de transformações é a inserção dos alunos com deficiência nas salas regulares.

continuada como o caso do "Programa da Rede de Formação Continuada de Professores em Educação Especial", através do MEC, por meio de sua Secretaria de Educação Especial (SEESP).

No ano de 2009 foram selecionadas 11 Instituições públicas de Educação Superior, conforme o Edital nº 01 de 02 de março de 2009, as quais foram ofertadas 5.000 vagas em cursos de especialização na área do atendimento educacional especializado - AEE e 8.000 vagas em cursos de extensão/aperfeiçoamento contemplando professores que atuam no AEE e na sala de aula comum (BRASIL, 2009).

Aos poucos é notável que há uma tentativa de modificação da realidade limitada dos professores frente a novos desafios no ensino. A contemporaneidade exige mudanças frente às novas políticas educacionais. No momento em que o professor retoma o curso de formação, faz-se necessário que os ofereçam condições mínimas para que desempenhem sua função. Isto implica em muito preparo, conhecimento e disponibilidade do educador para adaptar-se às novas situações vividas na sala de aula (SOLAREVICZ, 2008).

Deve-se entender que o papel do professor frente a um aluno com deficiência não é de ser um facilitador, mas um mediador da aprendizagem, claro que procurando adaptar sua metodologia e seus recursos para que haja o processo de ensino-aprendizagem. Porém o professor deve ser cuidadoso quando adaptar suas atividades, materiais, conteúdos programáticos e procedimentos de ensino, ele deve conhecer as deficiências e saber lidar com cada particularidade.

Espera-se através deste trabalho uma reflexão a cerca relação entre o profissional docente e o aluno com deficiência, para que haja um olhar mais voltado à inclusão escolar. Onde se busque novas formas de quebrar a barreira que se encontra entre o professor e o aluno com deficiência.

O presente trabalho teve como objetivo analisar o perfil dos professores de Biologia, a formação acadêmica e continuada e a relação destes profissionais com a educação inclusiva no ambiente escolar.

## **METODOLOGIA**

O campo de pesquisa deste trabalho teve como alvo as escolas estaduais da rede pública de ensino localizadas na cidade de João Pessoa, Paraíba, no ano de 2014. Segundo os dados do INEP, a

cidade de João Pessoa até o ano de 2014, apresentava 49 escolas públicas estaduais de ensino médio em atividade (BRASIL, 2015).

Para este trabalho foi estabelecido o número de cinco escolas para coleta de dados. A escolha das escolas seguiu três perfis de interesse de estudo, sendo, uma escola “Referência”<sup>2</sup>, do qual apresentou destaque no Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM, nos anos de 2012 e 2013. Duas escolas que apresentassem indicador nível socioeconômico baixo ou médio baixo e que não possuem sala de recursos multifuncionais. E por fim duas escolas do qual possuem “salas de recursos multifuncionais”. Estes perfis servem como parâmetros de análise para identificar se há diferencial na metodologia do professor mediante as características destacadas.

A escolha dos participantes deste trabalho teve como alvo os professores de Biologia do ensino médio, com vivências práticas de ensino com alunos com deficiência. Como as informações fornecidas para este trabalho não tem intenção de causar prejuízo às instituições e/ou das pessoas envolvidas, os nomes das escolas e professores foram codificados a fim de preservar suas imagens e identidades (Ex.: Esc 1..., Prof 1).

Neste trabalho foi utilizado um questionário objetivo, cujas questões abordadas tinham o propósito de realizar uma análise de perfil dos entrevistados e análise da estrutura e ambiente de trabalho do professor. Os questionários objetivos são feitos mediante um roteiro previamente elaborado onde as perguntas são previamente formuladas e tem o cuidado de não fugir ao tema (BONI e QUARESMA, 2005). Tal cuidado se deve ao fato de que os dados apurados dão a possibilidade do pesquisador posteriormente usá-los a fim de compará-los através de um mesmo conjunto de perguntas realizadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **PERFIL DOS PROFESSORES DE BIOLOGIA**

A partir das informações sócio-demográficas obtidas através dos dados quantitativos da pesquisa realizada, foi possível traçar o perfil dos professores de Biologia do ensino médio das escolas pesquisadas.

---

<sup>2</sup> Escola que exerce dentro do município e território um papel de referência para outras escolas.



O primeiro dado analisado refere-se à idade dos entrevistados que varia entre 25 e 60 anos, obtendo-se como média de 36 anos. O maior índice (67%) fica entre 25 e 35 anos.

Em seguida, foi checada a relação entre o sexo dos entrevistados. Neste ponto verificou-se a predominância do sexo feminino na ocupação de cargos de magistério, em referencia à disciplina de Biologia, nas escolas pesquisadas. Sendo 89% são do sexo feminino e 11% do sexo masculino.

Esse fato pode ser explicado pelo predomínio do sexo feminino no magistério no Brasil, sobretudo nos primeiros anos escolares. Ao longo da história, a dinâmica cultural na construção das sociedades, por meio das relações de gênero, teve forte influencia na organização dos papéis a serem ocupados socialmente. Contudo, essa realidade vem se modificando nas últimas décadas, embora ainda se perceba seus resquícios nas organizações sociais recentes incluindo os achados nesta pesquisa. Na medida em que se caminha da educação infantil para o ensino médio e para a educação profissional, constata-se uma discreta modificação desta relação, ao ponto de, no último estágio haver uma pequena predominância do sexo masculino (BRASIL, 2007).

Ainda que chame a atenção, tal realidade não tem influência na qualidade do ensino, pois ambos os gêneros são totalmente capazes de atuar no magistério, reforçando a idéia de que não há profissões só para homens ou só para mulheres.

No que se refere à formação acadêmica, verificou-se que todos os entrevistados possuem a graduação de licenciatura em Biologia ou Ciências Biológicas, sendo que entre eles, três (03) possuíam além da licenciatura o bacharelado em Ciências Biológicas na sua formação. Ainda dentro destes nove (09) entrevistados, quatro (04) deles possuíam pós graduação, seja especialização ou mestrado.

Também verificou-se que parte destes professores se formaram na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, correspondendo a 78% dos entrevistados. O restante se divide entre uma instituição pública pertencente a outro estado e uma faculdade particular.

Foi apurado juntamente com o local de formação, a média de tempo em que os docentes se encontram no exercício da profissão. Chegou-se a média de 11 anos, sendo o menor tempo de 2 anos e o maior de 34 anos. Apenas três professores possuíam mais de 10 anos de atuação no magistério.

Em síntese, pode-se dizer os professores de Biologia, tem a média de idade de 36 anos, sendo composto na sua maioria por indivíduos do sexo feminino, possuindo a graduação em

licenciatura em Biologia ou Ciências Biológicas e podendo possuir pós graduação em área distinta. Esse perfil mostra também que o local de formação foi na Universidade Federal da Paraíba e que a média de atuação na profissão é de 11 anos.

## **O TRABALHO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA E A RELAÇÃO COM A INCLUSÃO NA SALA DE AULA**

O ensino colaborativo (coensino) entre professores de educação especial, ou seja, o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Sala de Recurso Multifuncionais (SRMF) e o da sala comum é de grande importância para que haja a inclusão na escola. Espera-se que quando um aluno com deficiência se matricule em uma escola de ensino regular, todos os componentes curriculares desta, sejam adequados para que sua permanência e sua aprendizagem sejam significativos e bem aproveitados.

Vale ressaltar que as SRMF são importantes espaços físicos, onde é possível realizar o AEE. As SRMF possuem mobiliário, materiais didáticos e pedagógicos, recursos de acessibilidade e equipamentos específicos para o atendimento dos alunos que são público alvo da Educação Especial e que necessitam do AEE no contraturno escolar (SARTORETTO & BERSCH, 2014).

Das cinco (05) escolas do campo de pesquisa, três (03) delas possuem SRMF, sendo que duas (02) delas seguem o perfil buscado nesta pesquisa de “escolas com SRMF”, enquanto uma outra (01) pertence ao perfil de “escola referência”<sup>3</sup>.

Para se ter a noção do trabalho colaborativo entre os professores de biologia e da sala de AEE, fez-se os seguintes questionamentos quanto à:

**Parceria com a SRMF**, o resultado foi que um (01) docente respondeu “Sim”, (01) respondeu “Às Vezes” e os outros três (03) restantes responderam que “Não”.

**Presença de um cuidador<sup>4</sup> na escola**, o resultado foi que apenas 22% dos entrevistados responderam que há um cuidador na escola, enquanto 78% responderam que não há este profissional na instituição. Entende-se que o profissional cuidador, além de auxiliar o aluno em sala de aula quando solicitado, pode ajuda-lo em atividades como, ir ao banheiro, tomar remédio,

<sup>3</sup> Escola que exerce dentro do município e território um papel de referência para outras escolas.

<sup>4</sup> Cuidadores são profissionais que prestam cuidados ligados ao conforto, à segurança e à ampliação do convívio social.

locomover-se ou comer. Este atendimento é garantido pelo Art. 58 da lei nº 9.394/96 da LDB, que assegura a presença de cuidador na escola, quando necessário ao educando portador de necessidades especiais. A falta de cuidadores na maioria destas escolas pesquisadas pode indicar que alguns tipos de deficiência não necessitam deste profissional para seu amparo.

**Disponibilização de materiais didáticos pela escola, para o complemento de suas aulas,** 78% dos professores responderam que “Sim”, enquanto 22% responderam que “Não”. Entende-se que o professores de Biologia, assim como outros, podem necessitar de materiais para o complemento de suas aulas, estes os quais podem ser desde os mais tradicionais como o giz, a lousa e o livro didático, até os mais modernos como os computadores, projetores, microscópio, entre outros.

Os professores veem nos materiais didáticos a oportunidade de proporcionar uma participação mais ativa dos alunos em suas aulas. O professor deve trazer o aluno até a intimidade do movimento de aprendizagem, apenas sua fala pode não ser o suficiente, não despertando a atenção necessária do aluno, desta maneira, se cansa tanto o aluno quanto o professor. A utilização dos materiais didáticos quebra o excesso de verbalismo, facilitando a aprendizagem do aluno, além de torná-la um pouco mais prazerosa (FISCARELLI, 2007).

Em seguida buscou-se saber das experiências que os professores obtiveram em sala de aula com os alunos com deficiência, para tanto questionou-se:

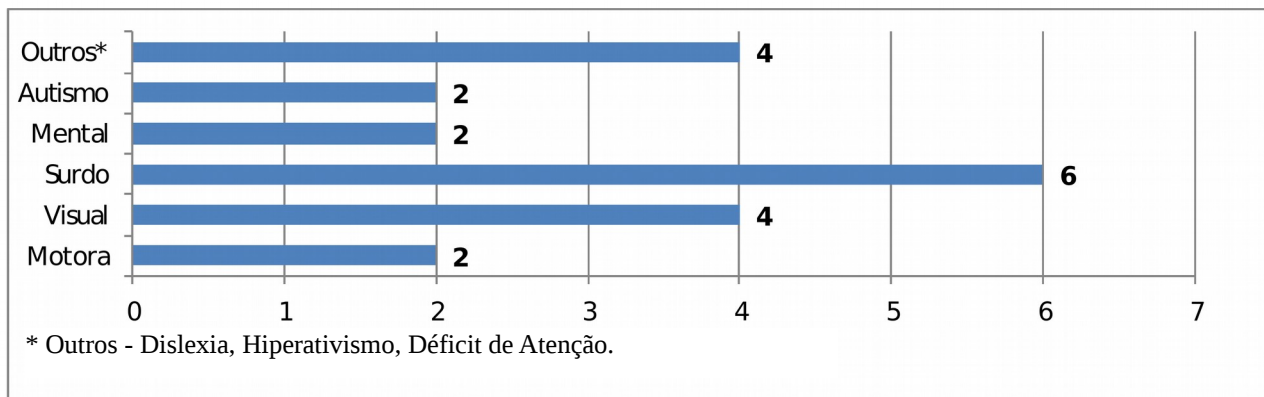
**Os tipos de deficiência com os quais já tinham se deparado em sala de aula,** observou-se então, que a maioria dos professores responderam que foram os alunos surdos (Gráfico 1), seguido por empate de alunos cegos e alunos com outros<sup>5</sup> tipos de deficiência e em menor aparição alunos com deficiência motora e mental.

---

<sup>5</sup> Referencia a outras deficiências destacadas pelos professores como: Dislexia, Hiperativismo, Déficit de Atenção.



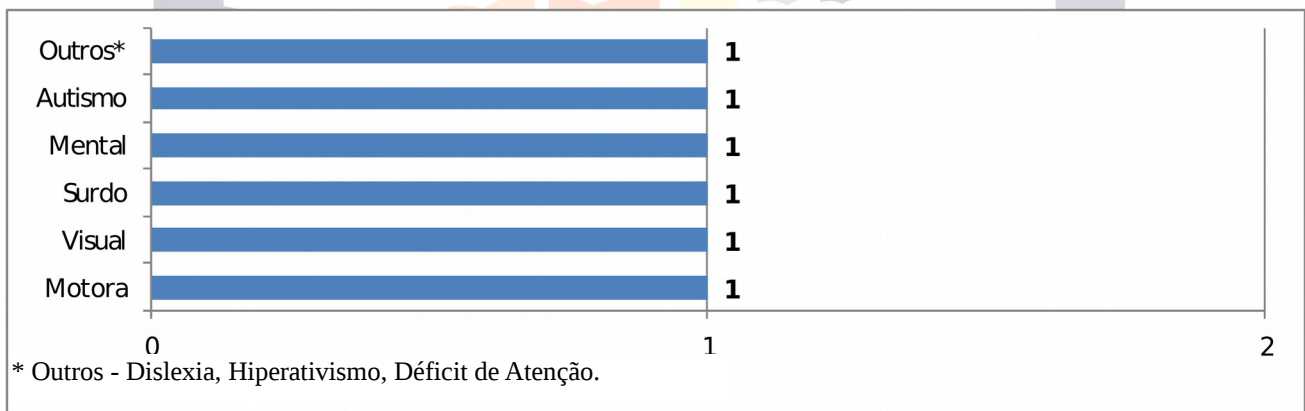
**Gráfico 1** - Os tipos de deficiência do qual já tinham se deparado em sala de aula



Fonte: Elaboração própria.

**Quais foram às deficiências no ano de 2014**, quando houve a entrevista, apenas quatro (04) dos nove (09) professores então entrevistados, ministravam aula para alunos com deficiência, mesmo assim, pôde-se observar uma variedade em relação aos tipos de deficiências (Gráfico 2).

**Gráfico 2** – Tipos de deficiências presentes na sala de aula dos professores em 2014.



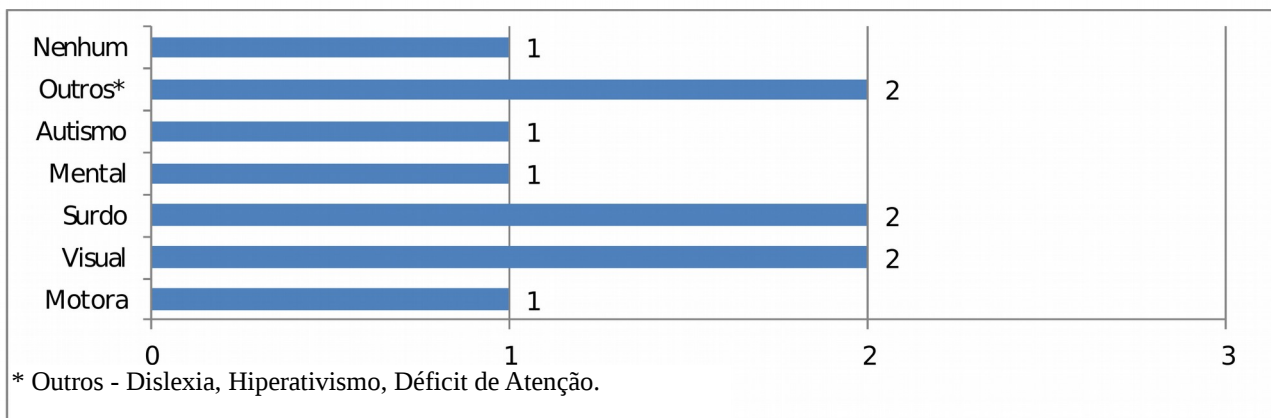
Fonte: Elaboração própria.

Diante de tal variedade em relação às deficiências que o professor vai se deparando a cada ano letivo, este profissional encontra-se em uma situação onde deve se adequar a toda essa diversidade. A cada variedade que chega se torna uma surpresa e um novo desafio ao professor. Não é de abismar-se que o professor sinta-se perdido, diante da tarefa de ministrar seu conteúdo quando há alunos sem deficiência e alunos com deficiência em sua sala de aula.



**Qual tipo de alunos com deficiência os professores tiveram mais facilidade em ministrar aula**, o resultado obtido foi que Visual, Surdo e Outros (Gráfico 3), tiveram uma diferença pequena em relação às demais, mostrando que os professores ainda não se adaptaram bem ainda as diversidades. Interessante notar que um dos professores do qual é o mais antigo em relação à atuação da profissão, respondeu “Nenhum”, por esta resposta pode-se notar que o professor ainda não obteve sucesso em se adaptar ou de mostrar interesse em lidar com as deficiências em sala de aula.

**Gráfico 3** - Tipos de deficiências que o professor teve mais facilidade em ministrar aula em toda sua carreira.



Fonte: Elaboração própria.

Tem-se em vista que o professor deve trabalhar em uma relação de parceria com o aluno, conhecer seus pontos fortes e suas limitações, a fim de fazer o planejamento de suas ações e forma de ensino, não basta apenas esperar que o aluno se adeque a sua metodologia de trabalho. A relação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Boff (1997) em uma famosa frase sua diz que: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão do mundo”. Desta maneira, o professor deve procurar saber como seus alunos veem sua metodologia, saber quais são as dificuldades destes e assim procurar modificar e adaptar seu modo de ensinar para que a aprendizagem do aluno seja eficaz.

Por fim, **se os professores participavam do planejamento anual da escola e se neste havia a preocupação em abordar a educação inclusiva**. Constatou-se que 89% dos professores participam do planejamento anual, enquanto 11% que não participam. Quanto à abordagem da educação inclusiva no planejamento anual, apenas 56% dos entrevistados afirmaram que há este tipo de enfoque, seguido por 33% que responderam “Não” e 11% “Às vezes”.

Entende-se que inclusão, não é apenas acomodar os alunos com deficiências nas escolas regulares, mas adequar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todos os alunos. Quer dizer também ajudar os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem dos alunos, retirando-os da exclusão em que se encontram (MITTLER, 2003 apud GREGUOL et al., 2013).

Há ainda a necessidade do envolvimento de diretores, professores e funcionários em um trabalho de parceria para discutir a abordagem inclusiva nos planejamentos da escola. Ainscow (1997 apud PLETSCHE, 2009), salienta que a reflexão crítica em equipe é fundamental para criar as condições para implementação da educação inclusiva. O desejo de mudança deve ser coletivo para que haja a inclusão, enfrentando todas as barreiras, buscando sempre a aprendizagem de todos, é gerar a construção de possibilidades e saberes (DAL-FORNO & OLIVEIRA, 2005).

Como essa pesquisa se deu no final de um ano letivo das escolas e de acordo com os dados coletados, pôde-se ver que a maioria dos professores parece trabalhar individualmente, isto é, sem auxílio dos profissionais da SRMF. Seria de se esperar que os professores da sala comum devessem procurar os professores de educação especial, para amparo de suas dificuldades, entretanto a realidade mostra que há certo distanciamento entre estes profissionais. Desta maneira, o aluno com deficiência passa a ficar invisível aos olhos do professor, gerando sua exclusão frente às práticas pedagógicas.

## CONCLUSÃO

Conclui-se com o presente trabalho que, mesmo os professores de Biologia possuindo graduação em licenciatura em Biologia, estes ainda aparentam não se sentir preparados para exercer sua prática pedagógica voltada aos alunos com deficiência. Notou-se que os professores encontram-se divididos entre dois caminhos, fechar os olhos perante as diversidades que encontram em sala de aula, ou seja, tratar os alunos com deficiência da mesma forma como tratam os demais alunos sem deficiência. Ou caminhar em passos vagarosos, ao tentar adaptar sua metodologia a estes alunos, porém com uma prática pedagógica falha.

Mediante análise comparativa de três perfis de escolas, constatou-se que não há diferenças na prática pedagógica dos professores. Mesmo que três (03) das cinco (05) escolas, aos quais os

entrevistados pertencem, apresentem SRMF. Desta forma, constatou-se que não há uma relação de trabalho coletivo entre o professor da sala regular e o professor do AEE, resultando então, em um processo de ensino individualista do professor da sala regular. Compreende-se que as SRMF, oferecem “Tecnologias Assistivas”, ao qual além de ampliar a comunicação, mobilidade, controle do ambiente do indivíduo deficiente, habilidades de aprendizagem, trabalho, integração com família, amigos e sociedade, poderiam auxiliar também a prática pedagógica do professor de Biologia.

Mesmo que a inserção de alunos com deficiência nas redes regulares de ensino esteja mais intensa, o professor ainda se encontra inerte perante a sua prática pedagógica voltada para este público. A falta de um contato frequente com estes alunos com deficiência pode interferir na ação do professor, em um comprometimento pela busca por capacitações que envolvam a educação inclusiva.

Ficou claro que, as práticas pedagógicas para a educação inclusiva não depende tão somente da formação do professor, mas também do compromisso institucional, das experiências e vivências dos docentes e da sensibilização destes para adequar suas metodologias didático-pedagógicas para amparo do aluno com deficiência, no sentido em que estes indivíduos possam desenvolver-se para uma vida com cidadania.

## REFERENCIAS

PLETSCH, Márcia Denise. **Repensando a inclusão escolar de pessoas com deficiência mental:** Diretrizes políticas, currículo e práticas pedagógicas. UERJ: Rio de Janeiro, 2009.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana.** 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRASIL, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 15 dez. 2014.

BRASIL. **Evolução da educação especial no Brasil.** 2006b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

BRASIL. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação,** Volume 1: Orientação a Professores, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2014.



BRASIL. **Programa:** Formação Continuada de Professores na Educação Especial - Modalidade a Distância, 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=14188%3Aprograma-formacao-continuada-de-professores-na-educacao-especial-modalidade-a-distancia&catid=192%3Aseesp-esducacao-especial&Itemid=826](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14188%3Aprograma-formacao-continuada-de-professores-na-educacao-especial-modalidade-a-distancia&catid=192%3Aseesp-esducacao-especial&Itemid=826)>. Acesso em: 10 nov. 2014.

BRASIL. **Censo Escolar (2014)**. 2015. Disponível em: <<http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/>> Acesso em: 09 mar. 2015. DAL-FORNO & OLIVEIRA, 2005).

GREGUOL, M.; GOBBI, E.; CARRARO, A. **Formação de professores para a educação especial:** Uma discussão sobre os modelos brasileiros e italiano. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 19, n. 3, p. 307-324, Jul. – Set., 2013.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

SARTORETTO, M. L.; BERSCH, R. **O que é Tecnologia Assistiva?** Assistiva - Tecnologia e Educação, 2014. Disponível em: <<http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>> Acesso em: 19/06/2014

SOLAREVICZ, M. M. P. de L. A importância da formação continuada no caso do magistério paranaense. **O professor pde e os desafios da escola pública paranaense:** Produção Didático-Pedagógica. Cadernos PDE, Paraná: 2008.

SOUZA, C. A. **A saúde do professor e suas consequências no processo de ensino aprendizagem.** 1º SEEJA - Seminário de Educação de Jovens e Adultos da PUC-Rio, out. 2010.

